

A CORRESPONDÊNCIA ENTRE O DISCURSO E A PRÁTICA

Aldemario Araujo Castro
Advogado
Mestre em Direito
Procurador da Fazenda Nacional
Brasília, 23 de junho de 2024

Paulo Rafael, aos 20 anos, iniciou sua vida no mercado de trabalho. Tratava-se de um posto de auxiliar administrativo em uma empresa familiar de porte médio. O proprietário da empresa, um falante senhor com 65 anos de idade, conduzia o negócio de venda de embalagens com o auxílio direto de seus três filhos.

A tradição da empresa, consolidada ao longo de décadas, exigia que todos os novos empregados fossem recebidos com uma longa preleção do dono do empreendimento. A palestra era ouvida pelos novos funcionários e pelos antigos também, como uma forma de gerar uma audiência com um número razoável de pessoas.

Cada evento de boas-vindas marcava a subida de mais um degrau nas promessas e esquisitices do proprietário da empresa. Doutor George Ladislau, como exigia ser chamado, discorria longamente sobre um generoso plano de cargos e salários. Para cada direito trabalhista previsto na legislação, anunciava pagamento dobrado. Sempre encerrava a exposição mencionando os prêmios a serem sorteados mensalmente entre os empregados (boas quantias em dinheiro, veículos e até imóveis). Em cada palestra, as referências a Deus nunca eram inferiores a duas dezenas.

Todos sabiam muito bem que nada daquilo se concretizava. Eram palavras ao vento, repetidas de tempos em tempos quando alguém ingressava na empresa. Maria Tatiana, funcionária das mais antigas, cuidava de lembrar a todos outra tradição da empresa. Ninguém avisava aos novos empregados sobre a inconsistência dos discursos do patrão.

Paulo Rafael, fortemente influenciado pelas palavras do velho Ladislau, não demorou 24 horas para contar as novidades para sua avó. Joalice, com

seus 80 anos, ouviu atentamente o neto. A empolgação era enorme. Os planos para gastar a pequena fortuna prometida pelo patrão já estavam todos traçados.

A profunda sabedoria de vida de Joalice foi exposta, de início, em duas frases curtas e diretas. A primeira indicava que as pessoas devem ser medidas pela régua de suas atitudes. A segunda, desdobramento da primeira, dizia que para saber o comportamento futuro de alguém deve ser observado o passado desse indivíduo.

Joalice afirmou que é comum na avaliação de uma pessoa dar um grande peso às palavras que ela profere. Entretanto, uma análise mais profunda revela que as ações e omissões são, de fato, as verdadeiras medidas do caráter e da integridade de um indivíduo. Afinal, as palavras podem ser cuidadosamente selecionadas e construídas para agradar os ouvidos da audiência, mas são as ações que realmente revelam as intenções e valores subjacentes.

E Joalice disse mais. Ressaltou que, em discursos públicos, as palavras fluem com facilidade e eloquência apresentando declarações de intenções e promessas das mais variadas ordens. Profissionais da política, líderes organizacionais e figuras públicas frequentemente utilizam a retórica para conquistar apoio e simpatia. A discrepância entre o discurso e a prática pode levar à desilusão e ao desencanto, mostrando que, no final das contas, são as ações que realmente importam.

Joalice continuou suas sábias ponderações. Destacou que as ações falam mais alto do que palavras porque elas envolvem um comprometimento tangível, concreto ou palpável com determinado valor. Enquanto as palavras podem ser uma promessa, as ações representam a concretização dessa promessa. Quando alguém age, suas intenções verdadeiras são reveladas, seja para o bem ou para o mal. Ações autênticas são uma manifestação direta das crenças e valores de uma pessoa.

Joalice lembrou uma grande amiga de infância. Adriana Regina dedicou quase toda a vida ao voluntariado. Auxiliava crianças e jovens carentes de recursos financeiros nos estudos, especialmente na preparação para o vestibular e concursos públicos. Assim, solidariedade e empatia nunca foram palavras vazias para Adriana. Aliás, ninguém nunca ouviu Regina falar sobre suas intensas atividades de voluntariado.

Joanice não esqueceu de mencionar as omissões. Pontuou que as omissões também desempenham um papel fundamental na avaliação de uma pessoa. A omissão, que é a falta de ação, pode indicar indiferença, medo ou até mesmo cumplicidade. Quando alguém convive com a injustiça ou o erro e escolhe não agir, essa falta de ação revela muito sobre seu caráter. As omissões indicam o que uma pessoa está disposta a tolerar ou ignorar, revelando, com propriedade, prioridades e limites éticos.

Joanice foi mais fundo nas considerações acerca do uso das palavras. Disse que um orador minimamente habilidoso pode usar as palavras para criar uma imagem de si mesmo que não corresponde à realidade. As palavras podem ser usadas, com extrema facilidade, para enganar, persuadir e manipular. Existem inúmeros recursos para adornar a fala e fazê-la parecer autêntica, camuflando o “imenso” vazio de ações.

Joanice fez um importante contraponto entre as ações e as palavras quanto a facilidade ou dificuldade de estabelecer um disfarce. Ações exigem energia, esforço, sacrifício e, inúmeras vezes, uma boa dose de coragem. Já as palavras podem ser meramente uma fachada. Observe, disse Joanice, o caso de uma obra. A pintura pode ser extremamente agradável aos olhos. Mas são os tijolos e os alicerces, justamente o que não pode ser visto, que oferecem substância à construção e a mantêm de pé.

Joanice chamou atenção para um aspecto crucial. Vivemos em um mundo onde a imagem e a percepção pública são frequentemente moldadas por palavras. Assim, é crucial desenvolver uma sensibilidade crítica para distinguir entre retórica e realidade. Isso envolve prestar atenção ao que é dito e ao que é feito e não feito. As ações e omissões devem ser o critério principal na avaliação da verdadeira pauta de valores de alguém.

Uma última consideração foi feita por Joanice. Ela ponderou sobre as mudanças de rumos na vida. As pessoas aprendem e evoluem. O hipócrita de hoje pode ser alguém de muito valor amanhã. Nesses casos, são as novas atitudes, os novos comportamentos, que denunciam o surgimento de um indivíduo renovado. Mais uma vez, as palavras não são revelantes.

Paulo Rafael refletiu muito sobre tudo o que ouviu e chegou a uma das mais importantes conclusões sobre o convívio humano. O nível do progresso

espiritual de um indivíduo (ou o estágio de evolução moral de uma pessoa) está diretamente relacionado com a correspondência entre o seu discurso e a sua prática.